

Homossexualidade e Igreja Católica - conflito e direitos em longa duração

Luís Corrêa Lima¹

Resumo:

Ensaio sobre o conflito entre o mundo gay e os movimentos homossexuais, de um lado; e a Igreja Católica, com sua prática e seu discurso moral, de outro lado. Recorre-se ao conceito de 'longa duração' do historiador Fernand Braudel para a gênese da idéia de natureza humana, utilizada pela Igreja, bem como para os valores modernos de centralidade do indivíduo e de secularização. Nestes valores, afirma-se autonomia de realidades seculares como a ciência e a política frente ao mundo religioso.

Palavras-chave: cristianismo, gay, homofobia, modernidade, autonomia.

Homosexuality and the Catholic Church: conflicts and rights in long duration.

Abstract:

Assay about the conflict between the gay world and the homosexual movements, on one side; and the Catholic Church, with its practice and moral discourse, on the other. The concept of long duration is referred from the historian Fern and Braudel, for the origin of the idea of human nature, used by the Church; as well as the modern values of centralness of the individual and secularization. In these values, the autonomy of secular realities like science and politics in face of the religious world is affirmed.

Key words: Christianity, gay, homophobia, modernity, autonomy.

Este estudo quer tratar da complexa relação entre homossexualidade e cristianismo, enfocando a doutrina e a atuação recentes da Igreja Católica vistas na perspectiva histórica da longa duração.

As diversas posturas da Igreja e de seus membros alimentam-se de um passado distante onde se constituiu a tradição judaico-cristã e uma determinada idéia de natureza. É no Ocidente simultaneamente greco-romano e judaico-cristão que posteriormente surge a

¹ Padre jesuíta, doutor em história pela UnB e professor do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio.

modernidade como visão de mundo e forma de organização do sociedade. Esta modernidade também incide na Igreja, desencadeando nela grandes transformações.

Para se tratar do papel da Igreja Católica em questões morais, é preciso levar em conta a complexidade institucional da própria Igreja, bem como a ampla diversidade presente na identidade católica. Além das posições oficiais do papa e da Cúria Romana, deve-se considerar a atuação dos bispos e suas conferências regionais espalhados pelo mundo, os teólogos e suas reflexões, os trabalhos pastorais em comunidades locais, os movimentos religiosos e a consciência dos fiéis, à qual se atribui um papel fundamental e insubstituível nas decisões morais.

Há uma forte tensão entre o mundo homossexual e a Igreja por conta da doutrina católica, que basicamente condena as relações homossexuais e o casamento gay. O papa João Paulo 2º lançou em 1992 o *Catecismo da Igreja Católica*, um compêndio doutrinário com ampla divulgação. Segundo o *Catecismo*, a tradição cristã tem como base a Sagrada Escritura que considera os atos de homossexualidade graves depravações. Tais atos são “intrinsecamente desordenados”, contrários à lei natural e em nenhum caso podem ser aprovados. As pessoas homossexuais, portanto, são chamadas a viver a abstinência sexual². Em resposta a estas posições, vários militantes gays têm acusado a Igreja de minar a sua auto-estima, impondo um enorme sofrimento psíquico a milhões de homossexuais, além de estimular o ódio social contra eles³. Só no Brasil, argumentam, um homossexual é assassinado a cada dois dias por pessoas homofóbicas.

De um modo geral, os últimos papas têm seguido a moral sexual de seus antecessores. Certos pontos, no entanto, tiveram alguma alteração recente. O *Catecismo* diz que “um número não negligenciável de homens e mulheres apresenta tendências homossexuais inatas. Não são eles que escolhem sua condição homossexual”⁴. A versão posterior e definitiva do mesmo texto substituiu tendências inatas por *profunde radicatas* (profundamente enraizadas). De qualquer modo, há algo novo aqui. Isto significa admitir que algumas pessoas são estruturalmente homossexuais e que carregam esta condição por toda a vida. Não se trata, portanto, de algo que possa ser revertido ou ‘curado’, como se

²*Catecismo da Igreja Católica*, nºs 2357-2359, Petrópolis, Vozes et al., 1993, 531-532.

³TREVISAN, João Silvério, “A Igreja e a homofobia”, *Folha de São Paulo* (28/7/2004) 3.

⁴*Catecismo...*, o.c., *idem*.

fosse uma doença⁵. Convém lembrar que até 1991 a Organização Mundial de Saúde classificava a homossexualidade como doença.

O *Catecismo* afirma ainda que os homossexuais “devem ser acolhidos com respeito, compaixão e delicadeza. Evitar-se-á para com eles todo sinal de discriminação injusta”⁶. A homofobia é em tese condenada, mas não se especifica o que seja “discriminação injusta”. De qualquer maneira, a Igreja reconhece que ninguém tem o direito de agredi-los, xingá-los ou equipará-los a criminosos. Apesar disso, ainda há atitudes homofóbicas de autoridades eclesiais contrariando este ensinamento⁷.

Outro importante marco doutrinal da Igreja é o Concílio Vaticano 2º, realizado nos anos de 1962 a 1965. Este Concílio propôs um diálogo amplo, aberto e respeitoso com a sociedade moderna. Nesse momento, a Igreja reconheceu a liberdade de consciência - o direito de a pessoa agir segundo a norma reta de sua consciência - bem como a “legítima autonomia” das ciências e das realidades temporais⁸. Estas realidades incluem o poder político, o que justifica a separação entre Igreja e Estado. Em séculos passados, estes elementos da modernidade foram causa de fortes conflitos com a sociedade. Ao aceitá-los, a própria Igreja entra em um dinamismo que desestabiliza muitas certezas imutáveis do tempo da cristandade. Não é mais possível se evitar questionamentos radicais que problematizam doutrinas tidas como certas.

Mesmo sendo contra a legalização da união civil de pessoas homossexuais, há bispos que não se opõem a direitos decorrentes destas uniões, como o direito de herança⁹. No âmbito da teologia moral, vários teólogos chegam a criticar o ensinamento oficial¹⁰. Alguns entendem que pessoas estruturalmente homossexuais não devem ser encorajadas a

⁵LIMA, Luís Corrêa, “Bento XVI e os homossexuais”, *R.e.b. (Revista eclesial brasileira)* n°260 (2005) 920-922.

⁶*Catecismo...*, o.c., *idem*.

⁷MOTT, Luiz, “Os bispos e os homossexuais”, *O Globo* (14/8/2004) 7.

⁸*Compêndio do Vaticano II – constituições, decretos, declarações*, “Gaudium et spes”, n°s 26 e 36, Petrópolis, Vozes, 1979, 169-179.

⁹ROMER, Karl Josef, “Eles estão errados”, entrevista a Ronaldo França, *Veja* (13/8/2003) in: <http://www.gtpos.org.br/index.asp?Fuseaction=Informacoes&ParentId=277>.

¹⁰VIDAL, Marciano *et al.*, *Homossexualidade: ciência e consciência*, São Paulo, Loyola, 1985; LEERS, Bernardino *et* TRASFERETTI, José, *Homossexuais e ética cristã*, Campinas, Átomo, 2002; TRASFERETTI, José (org.), *Teologia e sexualidade – um ensaio contra a exclusão moral*, Campinas, Átomo, 2004; JUNG, Patrícia Beattie *et* CORAY, Joseph Andrew (org.), *Diversidade sexual e catolicismo – para o desenvolvimento da teologia moral*, São Paulo, Loyola, 2005.

viver a abstinência mas, sim, a buscarem relacionamentos estáveis onde possam amar e serem amadas¹¹. Outros até aceitam a união civil¹².

Em diversas comunidades e ambientes católicos, é crescente a tolerância de padres e religiosos para com fiéis que não seguem à risca a moral sexual oficial da Igreja¹³. Esta tolerância inclui os fiéis homossexuais que possuem companheiros. Há no catolicismo uma forte tendência de adaptação à sociedade contemporânea, sobretudo no nível das bases. Esta tendência às vezes entra em conflito com a hierarquia e com segmentos conservadores da própria Igreja.

No campo da saúde, o advento da Aids estava associado aos homossexuais, imputando-lhes um estigma de maldição e exclusão. A Igreja tem uma presença notável na assistência aos doentes e portadores do HIV e na prevenção da aids. Segundo o Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids (UNAIDS), em todo o mundo, 25% dos portadores do vírus são atendidos por instituições católicas¹⁴. No Brasil, trabalham cerca de 150 entidades, que também distribuem preservativos. O UNAIDS elogia a atuação destas entidades, destacando a compaixão e a solidariedade¹⁵.

Em 1999, foi criada junto à CNBB a Pastoral de DST/Aids para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. Esta pastoral em nível nacional permite a ação coordenada dos trabalhos e o apoio mútuo. A distribuição de preservativos entrou em questão. O tema é polêmico, pois todo ano o governo federal faz campanha em favor do uso da camisinha, sobretudo na época do carnaval. A direção da CNBB sistematicamente protesta por entender que essas campanhas estimulam a prática do sexo fora do casamento. Há pouco tempo, a cantora Daniela Mercury foi vetada em um show no Vaticano sob a alegação de que a sua imagem estava associada à propaganda de camisinha. Militantes homossexuais protestaram com veemência¹⁶.

¹¹SNOEK, Jaime, “Eles também são da nossa estirpe – considerações sobre a homofilia”, *Vozes* (setembro de 1967) 792-803.

¹²ROTTER, Hans, “Zur rechtlichen Anerkennung homosexueller Partnerschaften”, *Stimmen der Zeit* 126 (2001) 533-540.

¹³RIBEIRO, Lúcia, *Sexualidade e reprodução – o que os padres dizem e o que deixam de dizer*, Petrópolis, Vozes, 2001.

¹⁴“ONU reconhece trabalho da Igreja na prevenção e luta contra aids”, agência *Zenit* (7/2/2006), www.zenit.org.

¹⁵LIMA, Luís Corrêa, “A controvérsia da camisinha – a Igreja Católica diante da aids”, Agência de Notícias da Aids, 2004, <http://www.agenciaaids.com.br/artigos-resultado.asp?ID=106>.

¹⁶TUFVENSSON, Carlos, “A Igreja autista é contra o sexo”, *O Globo* (3/12/2005) 7.

Entretanto, já no ano de 2000, a Pastoral DST/Aids distribuiu um folheto em paróquias de todo o país recomendando primeiramente a moral sexual cristã e, aos que encontram dificuldade em segui-la, o ensinamento da medicina para conter o avanço da aids: “evitar o uso comum de seringas; evitar relações sexuais sem preservativo; e evitar transfusões sem conhecer a procedência do sangue”. Este procedimento continua. Portanto, em certas circunstâncias e com a devida contextualização, pode-se difundir camisinha em instituições católicas¹⁷.

O movimento gay, atualmente chamado GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros), também tem um ramo católico, sobretudo nos Estados Unidos. São fiéis que se associaram no início dos anos 1970 e criaram o grupo *Dignityusa – gay, lesbian, bisexual & transgender catholics*¹⁸. Ele é bem consolidado institucionalmente, com núcleos em todo o país. Em alguns lugares, tem amplo apoio da hierarquia; em outros, não. Onde não encontra o apoio hierárquico, o grupo se reúne em paróquias anglicanas.

Uma importante protagonista do movimento homossexual católico norte-americano é a irmã Jeannine Gramick¹⁹. Ela chegou a ser proibida pela Cúria Romana de prosseguir seu trabalho pastoral com os homossexuais. No entanto, desobedeceu a proibição e continuou. Como punição, a religiosa foi expulsa de sua congregação. Porém, outra congregação a acolheu. Gramick continua o trabalho com os homossexuais e não foi excomungada. Há pouco tempo, ela esteve no Brasil quando foi exibido um filme documentário sobre sua vida.

Diante desse quadro, tem-se uma mostra da complexidade institucional e da ampla diversidade da identidade católica. Na relação com o mundo gay, a Igreja vive fortes conflitos e oposições, mas também pontos de contato e colaboração. O desconhecimento da diversidade católica faz com que militantes gays sejam extremamente críticos com posições conservadoras da instituição. Esta crítica com frequência identifica a Igreja com o seu segmento mais conservador e, paradoxalmente, acaba servindo aos interesses deste mesmo

¹⁷LIMA, *idem*.

¹⁸<http://www.dignityusa.org> .

¹⁹GRAMICK, Jeannine, “Rompendo o silêncio”, entrevista a Ana Aranha, *Isto é* (12/12/2005) in: <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT1086936-1666-1,00.html> .

segmento. Diversos militantes GLS têm origem e formação católica²⁰, ainda que tenham abandonado esta crença e suas práticas.

Como foi dito no início, as diversas posturas da Igreja e de seus membros alimentam-se de um passado distante onde se constituiu a tradição judaico-cristã e uma determinada idéia de natureza. Para analisá-las, recorrer-se-á à perspectiva histórica da longa duração. Um autor que muito trabalhou nesta perspectiva, desenvolvendo um respectivo instrumental teórico, foi o historiador francês Fernand Braudel (1902-1985).

A sua obra se liga a um grande movimento renovador da historiografia francesa oriundo da geografia, no fim do século 19 e início do século 20. Este movimento deu origem à chamada *nouvelle histoire* (nova história), uma historiografia em permanente diálogo interdisciplinar com outras ciências, aglutinada em torno da revista *Annales d'histoire économique et sociale*, fundada em 1929. Os geógrafos anteciparam a nova história, colocando problemas mais pertinentes a partir do ponto de vista da ciência social, como o da relação entre as sociedades, tomadas em sua evolução, e o meio físico e biológico em que se situam.

A obra principal de Braudel é *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II*²¹, onde ele elabora uma engenhosa divisão dos processos históricos segundo suas diferentes velocidades. O livro está dividido em três partes, onde cada uma pretende ser uma tentativa de explicação do conjunto. A primeira trata de uma história lenta, quase imóvel, que é a do homem nas suas relações com o meio que o rodeia, uma história de lentas transformações, muitas vezes feita de retrocessos, de ciclos sempre recomeçados. É a chamada “história geográfica”. Acima desta história, desenvolve-se uma outra com um ritmo menos lento, a “história social”, dos grupos e agrupamentos. Aí entram as economias, os Estados, as sociedades e as civilizações. A terceira parte, por fim, é a da história tradicional, do indivíduo, uma história de acontecimentos, da “agitação da superfície”, das ondas levantadas pelo poderoso movimento das marés, uma história com oscilações breves, rápidas e nervosas. Das três, é a mais apaixonante, e também a mais perigosa. É necessário

²⁰FACCHINI, Regina, *Sopa de letrinhas – movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*, Rio de Janeiro, Garamond, 2005, 245.

²¹BRAUDEL, Fernand, *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II*, 2 vols., São Paulo, Martins Fontes, 1984.

desconfiar desta história ainda quente, tal como os contemporâneos a sentiram, descreveram e viveram, segundo o ritmo de suas próprias vidas²².

As três partes correspondem a temporalidades diversas: a geográfica, a social e a individual, com suas respectivas velocidades. E, em seguida, Braudel admite que não há só duas ou três temporalidades, mas sim dezenas, cada uma implicando uma história particular. Só a sua soma, apreendida no feixe das ciências do homem, constitui a história global cuja imagem é difícil reconstituir plenamente²³.

A história lenta, quase imóvel, dominada pelas permanências, foi novamente tematizada por Braudel sob o título de “longa duração”²⁴. No centro da realidade social nada seria mais importante do que a oposição viva, íntima, repetida indefinidamente entre o instante e o tempo lento a escoar-se. É a “dialética da duração”. Outros já haviam estudado as permanências, ainda que com outros nomes. Lucien Febvre dedicou-se a analisar a ferramenta mental do pensamento francês na época de Rabelais, um conjunto de concepções que, bem antes de Rabelais e muito tempo depois dele, comandou as artes de viver, de pensar e de crer, e limitou duramente a aventura intelectual dos espíritos mais livres. A idéia de cruzada, estudada por Alphonse Dupront, permaneceu, atravessou sociedades e tocou os homens desde a Idade Média até o século 19. Pierre Francastel assinala a permanência de um espaço pictural geométrico desde o Renascimento florentino até o cubismo, no início do século 20. O universo aristotélico se mantém quase sem contestação até Galileu²⁵.

O gênio de Marx, segundo Braudel, o segredo de seu poder prolongado se deve ao fato de que ele foi o primeiro a fabricar verdadeiros modelos sociais a partir da longa duração histórica. Esses modelos foram congelados na sua simplicidade ao lhes ser dado o valor de lei, de explicação prévia, automática, aplicável a todos os lugares, a todas as sociedades. Esses modelos podem ser adaptados, matizados por outras estruturas e definidos por outras regras e modelos. A poderosa análise social do marxismo pode

²²BRAUDEL, F., *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II*, vol. I, São Paulo, Martins Fontes, 1984, 25.

²³*Ibidem*, vol. II, 620.

²⁴BRAUDEL, F., “História e ciências sociais. A longa duração”, *Escritos sobre a história*, São Paulo, Perspectiva, 1992, 41-78.

²⁵*Ibidem*, 43 e 50-51.

reencontrar sua força na longa duração. O risco do marxismo é o mesmo de toda ciência social apaixonada pelo modelo em estado puro, o modelo pelo modelo²⁶.

A longa duração também estaria presente na Reforma Protestante e na Contra-Reforma Católica. Seria por acaso que a antiga fronteira do Império Romano, o Reno e o Danúbio, da velha Europa e da Europa recentemente “colonizada”, constituiu em grande parte a fronteira que dividiu o mundo católico e o mundo protestante? Não se nega à Reforma razões puramente religiosas: a subida visível de águas espirituais em toda a Europa, que tornou o fiel atento aos abusos e às desordens da Igreja, e as insuficiências de uma devoção demasiado terra-a-terra, feita mais de gestos do que de verdadeiro fervor. Este sentimento, entretanto, toda a cristandade teria experimentado. Só que a velha Europa era mais apegada às suas tradições religiosas antigas, que a ligavam estreitamente a Roma. Por isso manteve o vínculo. A nova Europa, mais mesclada, mais jovem, menos apegada à sua hierarquia religiosa, consumou a ruptura. Uma reação nacional estava em curso²⁷.

Depois da Guerra dos Cem Anos, a cristandade teria sofrido o assalto de uma emersão de águas religiosas. Sob o peso destas águas, rompeu-se como uma árvore estalando a casca. No norte, a Reforma se espalhou pela Alemanha, Polônia, Hungria, Península Escandinava e Grã-Bretanha. No sul, difundiu-se a Contra-Reforma e em seguida a civilização barroca²⁸.

Nos movimentos que afetam a massa da história atual haveria uma herança fantástica do passado. O passado lambuzo o tempo presente. Toda sociedade é atingida pelas águas do passado. Este movimento não é uma força consciente, é de certa forma inumana, o inconsciente da história. O passado, sobretudo o passado antigo, invade o presente e de certa forma toma nossa vida. Por mais que nos esforcemos, diz Braudel, somos arrastados pela massa²⁹. O presente em grande parte é a presa de um passado que teima em sobreviver; e o passado, por suas regras, diferenças e semelhanças, é a chave

²⁶*Ibidem*, 75-76.

²⁷BRAUDEL, F., *Gramática das civilizações*, São Paulo, Martins Fontes, 1989, 324.

²⁸BRAUDEL, F., *O Mediterrâneo...*, vol. II, o.c., 127.

²⁹Entrevista a J-C Bringuier in: DAIX, P., *Fernand Braudel...*, o.c., 457 e 646.

indispensável para qualquer compreensão séria do tempo presente. Em geral, não há mudanças sociais rápidas. As próprias revoluções não são rupturas totais³⁰.

A história voltada para este passado distante que persiste, Braudel também chama “estrutural”, uma história sob o signo da duração, da repetição e da insistência. A estrutura em questão não é a mesma do estruturalismo, onde se trata de um sistema de relações abstratas. Para a história, “estrutura” seria o que na massa de uma sociedade resiste ao tempo, perdura, escapa das vicissitudes e sobrevive com obstinação e sucesso. A imobilidade da estrutura, entretanto, não é absoluta. Ela é imóvel em relação a tudo que evolui ao seu redor mais ou menos depressa. A estrutura está sujeita a rupturas, porém muito afastadas umas das outras no tempo. As rupturas, por mais importantes que sejam, nunca afetariam toda a arquitetura estrutural de uma sociedade, pois nem tudo se quebra de um só golpe³¹.

A história estrutural faz parte da história “global” que, para Braudel, é a dialética permanente entre estrutura e não-estrutura, entre permanência e mudança. A história seria não só o que muda, como pensava Marc Bloch, mas também o que não muda. Uma revolução tão profunda quanto a francesa está longe de ter mudado tudo de um dia para outro. A mudança sempre compõe com a não-mudança. Assim como as águas de um rio condenado a correr entre duas margens, passando por ilhas, bancos de areia e obstáculo, a mudança é surpreendida numa cilada. Se consegue suprimir parte considerável do passado, é necessário que esta parte não tenha uma resistência forte demais e que já esteja desgastada por si mesma. A mudança adere à não-mudança, segue suas fragilidades e utiliza suas linhas de menor resistência. Ao lado de querelas e conflitos, há compromissos, coexistências e ajustes³².

Na divisão constante entre o a favor e o contra, há de um lado, o que se move; do outro, o que teima em ficar no mesmo lugar. A história, segundo os *Annales*, é globalidade, ou seja, uma grande orquestração. A dificuldade reside em incorporar-lhe a massa inconsciente dessa história oceânica, originária de um passado inesgotável ao mesmo tempo difícil de perceber e impossível de dominar. Nesse âmbito das profundezas, segundo

³⁰BRAUDEL, F., *Civilização material, economia e capitalismo - séculos XV-XVIII*, vol. III, São Paulo, Martins Fontes, 1995, p.10 e 50.

³¹BRAUDEL, F., *Reflexões sobre a história*, São Paulo, Martins Fontes, 1992, 356-357.

³²*Idem*.

Braudel, seria irrisório dizer que o homem faz a história; ele a sofre³³. A história global, para ele, é ainda uma história abastecida por todas as ciências do homem. Não se trata somente de escolher uma e se “casar” com ela, mas de viver em “concubinato” com todas as ciências do homem³⁴.

A longa duração está presente no discurso eclesiástico que considera os atos homossexuais antinaturais e reprováveis. A sua origem está no primeiro livro da Bíblia, o *Gênesis*. No relato bíblico, Deus criou o ser humano homem e mulher para se unirem “formando uma só carne” e para procriarem. Daí se supõe, portanto, uma heterossexualidade universal. O contato erótico entre pessoas do mesmo sexo foi logo associado ao pecado de Sodoma, que despertou a ira divina e o castigo arrasador.

Também se pode reconhecer a longa duração na acolhida e no tratamento de portadores de HIV realizados por entidades católicas. A compaixão para com enfermos e desvalidos remonta o próprio evangelho e a ininterrupta tradição cristã. Tal compaixão ainda vai além. Ela leva Jesus Cristo a se sentar à mesa com pecadores notórios e a relativizar a lei, chocando seus adversários.

Uma outra temporalidade, menos longa, está presente. É o avanço da modernidade, afirmando a centralidade do indivíduo, a autonomia secular e a racionalidade científica. Depois de séculos de resistência, a Igreja aceitou estes valores modernos, tornando-os normativos com o Concílio Vaticano II. Esta aceitação, porém, não é irrestrita. Ela tem marcos precisos onde se quer preservar a validade da mensagem cristã oriunda da Revelação Divina.

A centralidade do indivíduo se expressa nos direitos humanos. Tais direitos foram contemplando progressivamente o indivíduo, as classes sociais, as mulheres, as minorias e o meio ambiente. Estes três últimos são os chamados direitos de “terceira geração”. As minorias em questão incluem os homossexuais. A autonomia secular foi ocasião para muitos Estados reconhecerem uniões entre pessoas do mesmo sexo e o direito de homossexuais adotarem filhos, contrariando grupos religiosos. A racionalidade científica penetra na teologia e nos estudos bíblicos. No mundo católico, o método histórico-crítico já derrubou o sentido literal do relato da criação do mundo e do ser humano. A

³³*Idem.*

³⁴*Une Leçon d'histoire de Fernand Braudel - Chateaufallon / octobre 1985, Paris, Arthaud, 1986, 162.*

heterossexualidade universal está em cheque ao se admitir que haja pessoas com inclinação homossexual profundamente enraizada e irreversível.

Diferentes processos históricos ou temporalidades atuam no mundo e na Igreja Católica, com tendências às vezes conflitantes e contraditórias. Mudanças em curso compõem com não mudanças e com inércias poderosas. Identificar cada processo, cada tendência e sua respectiva temporalidade na dialética da duração, é trilhar o caminho para se aprofundar a compreensão de uma realidade bastante complexa e, ao mesmo tempo, milenar e contemporânea. As categorias da duração de Braudel são instrumentos bastante valiosos.

BIBLIOGRAFIA:

- BRAUDEL, Fernand, *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II*, 2 vols., São Paulo, Martins Fontes, 1984.
- _____, *Gramática das civilizações*, São Paulo, Martins Fontes, 1989.
- _____, *Reflexões sobre a história*, São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- _____, *Escritos sobre a história*, São Paulo, Perspectiva, 1992.
- _____, *Civilização material, economia e capitalismo - séculos XV-XVIII*, vol. III, São Paulo, Martins Fontes, 1995.
- Catecismo da Igreja Católica*, Petrópolis, Vozes et al., 1993.
- CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Declaration persona humana sur certaines questions d'éthiques sexuelle*, Roma, 1975, <http://www.vatican.va> .
- _____, *Carta sobre a cura pastoral das pessoas homossexuais – Homosexualitatis problema*, Roma, 1986, <http://www.vatican.va> .
- _____, *Considerações sobre os projectos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais*, Roma, 2003, <http://www.vatican.va> .
- Compêndio do Vaticano II – constituições, decretos e declarações*, Petrópolis, Vozes, 1979.
- DAIX, Pierre, *Fernand Braudel - uma biografia*, Rio de Janeiro, Record, 1999.
- FACCHINI, Regina, *Sopa de letrinhas – movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*, Rio de Janeiro, Garamond, 2005.
- GRAMICK, Jeannine, “Rompendo o silêncio”, entrevista a Ana Aranha, *Isto é* (12/12/2005) in: <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT1086936-1666-1,00.html> .
- JUNG, Patrícia Beattie et CORAY, Joseph Andrew (org.), *Diversidade sexual e catolicismo – para o desenvolvimento da teologia moral*, São Paulo, Loyola, 2005.
- LEERS, Bernardino et TRASFERETTI, José, *Homossexuais e ética cristã*, Campinas, Átomo, 2002.
- LIMA, Luís Corrêa, “A controvérsia da camisinha – a Igreja Católica diante da aids”, Agência de Notícias da Aids, 2004, <http://www.agenciaaids.com.br/artigos-resultado.asp?ID=106> .

- _____, “Bento XVI e os homossexuais”, *R.e.b. (Revista eclesiástica brasileira)* n°260 (2005) 920-922.
- MOTT, Luiz, “Os bispos e os homossexuais”, *O Globo* (14/8/2004) 7.
- “ONU reconhece trabalho da Igreja na prevenção e luta contra aids”, agência *Zenit* (7/2/2006), www.zenit.org.
- RIBEIRO, Lúcia, *Sexualidade e reprodução – o que os padres dizem e o que deixam de dizer*, Petrópolis, Vozes, 2001.
- ROMER, Karl Josef, “Eles estão errados”, entrevista a Ronaldo França, *Veja* (13/8/2003) in: <http://www.gtpos.org.br/index.asp?Fuseaction=Informacoes&ParentId=277>.
- ROTTER, Hans, “Zur rechtlichen Anerkennung homosexueller Partnerschaften”, *Stimmen der Zeit* 126 (2001) 533-540.
- SNOEK, Jaime, “Eles também são da nossa estirpe – considerações sobre a homofilia”, *Vozes* (setembro de 1967) 792-803.
- TRASFERETTI, José, *Pastoral com homossexuais – retratos de uma experiência*, Petrópolis, Vozes, 1998.
- _____(org.), *Teologia e sexualidade – um ensaio contra a exclusão moral*, Campinas, Átomo, 2004.
- TREVISAN, João Silvério, “A Igreja e a homofobia”, *Folha de São Paulo* (28/7/2004) 3.
- TUFVENSSON, Carlos, “A Igreja autista é contra o sexo”, *O Globo* (3/12/2005) 7.
- VIDAL, Marciano *et al.*, *Homossexualidade: ciência e consciência*, São Paulo, Loyola, 1985.
- VVAA, *Une Leçon d’histoire de Fernand Braudel - Chateaufallon / octobre 1985*, Paris, Arthaud, 1986.